13 de maio, 2005

Habemus Papam

Papa Bento XVI Joseph Ratzinger O jornal oficial do Santuário de Fátima – “Voz da Fátima” –, descreve, na edição de 13 de Novembro de 1996, a Peregrinação Internacional de Outubro, presidida pelo então Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, que pela primeira vez visitava Fátima. No final, transcreve-se a homilia de Joseph Ratzinger, eleito ontem Papa. Noticia o jornal “Voz da Fátima” que durante a Peregrinação Aniversária de Outubro de 1996, na qual terão participado à volta de 250.000 peregrinos, foi usada a imagem da Virgem Peregrina de Fátima, e não, como habitualmente, a imagem oficial de Nossa Senhora. No final da oração do Terço, na noite do dia 12 de Outubro, uma delegação de peregrinos polacos entregou a imagem da Virgem Peregrina ao Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim Ferreira e Silva, após um périplo que cerca de um ano por todas as dioceses da Polónia. Após a entrega da imagem, na Capelinha, seguiu-se a habitual procissão até ao altar do Recinto e a eucaristia, presidida pelo Arcebispo de Warmia (norte da Polónia), D. Edmund Piszcz. No dia 13, a celebração eucarística foi presidida pelo Cardeal Ratzinger, concelebrada por vinte bispos e quatrocentos sacerdotes. No final da celebração, o Bispo de Leiria-Fátima procedeu à entrega solene da imagem da Virgem Peregrina de Fátima ao Arcebispo Administrador da Rússia Europeia, D. Kondrusiewicz, para uma viagem da Virgem à Rússia e ao Casaquistão. O jornal oficial do Santuário transcreve ainda, na mesma edição de Novembro de 1996, a declaração de Joseph Ratzinger à Rádio Renascença, na qual o agora Papa Bento XVI, falava sobre a terceira parte do chamado Segredo de Fátima. Ratzinger disse a terceira parte não encerrava nada de catastrófico e que “o verdadeiro conteúdo quer da Revelação, quer do segredo, é sempre o mesmo, isto é, o convite à conversão dos corações, à fé, à comunhão com Cristo”. A terceira parte do Segredo viria a ser revelada no ano 2000, na terceira visita a Fátima de João Paulo II. A comunicação foi lida pelo Cardeal Sodano, Secretário de Estado de João Paulo II. O comentário teológico da terceira parte do segredo, publicado nas “Memórias da Irmã Lúcia”/ Apêndice III, foi feito pelo Cardeal Joseph Ratzinger, na qualidade de Prefeito da Congregação para a Doutrina da fé.
HOMILIA EM FÁTIMA (13 DE OUTUBRO DE 1996) JOSEPH CARDINAL RATZINGER (Ester, 4,17ss.; Ef 2,47; Jo 2, 1-10) Venerados Irmãos no Episcopado! Prezados sacerdotes, religiosos e religiosas! Caríssimos Irmãos e Irmãs! Peregrinos de todo o mundo, que viestes a Fátima, para louvar e rezar à Mãe de Deus e nossa Mãe! O Senhor ofereceu aos Hóspedes das Bodas de Caná cerca de 600 (seis centos) litros de saboroso vinho, das seis medidas, que os servos tinham enchido de água, segundo a ordem de Jesus. Mesmo considerando, que as bodas orientais duravam toda uma semana e que todo o clã familiar dos esposos tomava parte na festa, resta todavia o facto de que se trata duma incompreensível abundância. A abundância, a profusão é o sinal de Deus na Sua

criação: Ele esbanja, cria todo o universo para dar espaço ao homem. Ele dá a vida numa incompreensível abundância. E, na Redenção, prodigaliza se Ele mesmo, faz se homem, penetrando toda a pobreza do ser humano, porque a Ele nada Lhe basta para manifestar o Seu amor. Esta abundância, esta prodigalidade, é a expressão do amor que não se põe a contar, que não enumera, mas, sem pensar em si, simplesmente se dá. Esta liberalidade, esta generosidade de Caná corresponde ao modo de Deus se manifestar ao homem, no decurso da história. Ela permite nos intuir a magnificência, a grandeza e a inesgotável bondade de Deus. Ao lado do milagre do vinho, encontramos, no Evangelho, o milagre do pão, no qual o Senhor, com cinco pães, sacia milhares de pessoas e dá tanto, que até sobraram doze cestos cheios de pão. Se o pão é símbolo do que o homem precisa, por seu lado, o vinho é o símbolo da superabundância da qual também temos necessidade. Ele é sinal da alegria, da transfiguração da criação. Tira nos da tristeza e do cansaço do dia a dia e faz do estar juntos uma festa. Alarga os sentidos e a alma, solta a língua e abre o coração; e transpõe as barreiras que limitam a nossa existência. Deste modo o vinho tornou se símbolo dos dons do Espírito Santo. A Tradição fala da embriaguês na sobriedade, que o Espírito nos concede já no relato do Pentecostes, segundo o qual os Apóstolos apareciam aos estranhos, como que embriagados. Na verdade, eles estavam em jejum e ao mesmo tempo embriagados, isto é, repletos da alegria do Espírito Santo, que os abria para uma vida de grandes horizontes, e lhes concedeu palavras, que não provinham deles mesmos, fazendo lhes perceber a beleza da vida iluminada, pela luz do Deus vivo. Assim, começamos já a compreender um pouco do significado deste milagre do vinho, que João expressamente descreve como um sinal portanto, como uma realidade que, indo além do acontecimento imediato, orienta para outra maior. O grande dom deixa pressentir a natureza inesgotável do amor de Deus, fala dum amor que provém da eternidade, que é incomensurável e por isso salvífico. O milagre do vinho ajuda nos assim a compreender o que significa receber na fé, através de Cristo, o Espírito Santo isto é, uma nova grandeza, uma nova elevação e uma nova abundância de vida. Mas temos ainda de dar mais um passo, nesta nossa reflexão: como dissemos, o vinho cria a festividade. No texto do nosso Evangelho, o vinho está ligado à festa do matrimónio, à festa das núpcias. O vinho indica a grandeza do que, no matrimónio, acontece: duas pessoas tornam se uma só, graças ao amor, nelas derramado pelo Criador, que faz delas uma só carne, como diz Adão, no relato bíblico da criação, quando Deus lhe apresenta a mulher, e só então a sua vida é completa. Porém, deste modo, o Sinal de Caná aponta, ainda, para uma maior profundidade, que é esta: Jesus veio para conduzir a natureza humana, a própria pessoa humana, à comunhão nupcial com Deus. Deus e a Sua criatura devem tornar se um não uma carne mas um espírito, como diz Paulo (1 Cor. 6, 17) . Paulo exprime o também assim: os crentes tornam se com Cristo um único corpo, o Seu corpo. Em última análise, estas núpcias já tiveram lugar na Encarnação, no seio de Maria: Deus, o Filho de Deus, assumiu a carne humana, atraiu a Si o ser humano e assim o verdadeiro homem Jesus e o Filho de Deus eterno formam juntamente uma só pessoa. Este matrimónio, estas núpcias, que tiveram lugar no Mistério da Encarnação, devem alargar se através de toda a história, pois o Senhor quer "atrair todos a Si" (Jo.12, 32) para que, finalmente, "Deus seja tudo em todos" (1 Cor. 15,28). A Hora de Jesus, de que Ele fala na resposta a Sua Mãe, é a Hora das Núpcias. Ele aproxima se

desta Hora, para ela é que Ele está aqui. Essa Hora começa, como dissemos, com a concepção no seio de Maria e atinge o seu ponto mais alto na Cruz, que João, ao mesmo tempo, designa sempre, como o momento da glorificação de Jesus. Na Cruz, Jesus dá se completamente: A Cruz é o acto, no qual Ele completa e definitivamente se dá e, deste modo, a todos nos atrai para os Seus braços. Porque se trata do último e mais alto grau do amor, por isso, é que a Cruz é, em toda a sua humilhação, a Hora da Glorificação: pois, em nenhuma parte, o amor de Deus aparece tão poderosamente visível, como no momento em que o Filho nos amou "até ao fim" (Jo.13,1). Do lado aberto de Jesus correu sangue e água o Baptismo e a Eucaristia: isto é, os dois sacramentos fundamentais do cristianismo têm a sua origem aqui. A Eucaristia é o dom definitivo do vinho novo, numa profusão e abundância tal, que, através de todos os séculos, basta para todas as gerações. A este vinho, como oferta real do amor de Jesus, como manifestação real da Sua glória divina no meio de nós, antecipadamente se refere o dom do vinho de Caná. No final da história de Caná está uma palavra importante, mediante a qual o Evangelista manifesta o sentido do acontecimento: "Jesus revelou a Sua glória e os Seus discípulos acreditaram n´Ele" (2,11). O verdadeiro objectivo do acontecimento de Caná não é o vinho este é apenas o sinal, e já há muito tempo que se consumou e passou. O objectivo era antes a manifestação da glória de Jesus, o brilho da infinita bondade de Deus e o despertar da fé nos discípulos. O milagre mais profundo de Caná é a fé dos discípulos, os quais, para além do acontecimento exterior, começam a reconhecer uma coisa maior: a presença sacrossanta de Deus no meio de nós. E disso se trata também agora; e a partir disto podemos compreender a missão de Maria, que se torna bem visível no relato das Bodas de Caná. Maria não pede ao Senhor um milagre. De facto ainda não era claro, se o fazer milagres pertencia à Sua missão. Ela simplesmente apresenta ao Senhor a dificuldade, na qual os amigos se encontravam. Maria coloca tudo nas mãos de Jesus e abandona se a Ele e ao Seu operar. Nem sequer a aparente recusa a desanima. A sua confiança em Jesus e a unidade com a vontade do seu Filho permanecem ilesas. Assim, ela nos ensina: que também nós, na nossa relação com Deus, devemos continuamente experimentar e avançar através de recusas. "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos..." A verdade desta palavra bíblica experimentamo-la na nossa vida. É importante, então, despojarmo-nos da nossa maneira de ver e não nos abandonarmos à desilusão ou mesmo à dúvida. Deste modo, podemos aprender a deixar converter a nossa vontade, muitas vezes errada, de modo que ela se conforme à vontade de Deus e assim se torne recta. Nesta passagem das Bodas de Caná está também a palavra de Maria aos criados, a qual, depois do Fiat, é talvez a sua mais bela palavra. Em última análise, ela é só uma aplicação do Fiat, do seu Sim, em relação a todos nós: Fazei tudo o que Ele vos disser. Isto significa, para nós: conformai a vossa vontade à vontade de Deus. Escutai e estai prontos para o Seu chamamento. Reconhecei O como o Senhor, que vos indica o caminho e vos conduz rectamente. Com estas palavras, convida os criados e convida nos também a nós à fé. Maria não pediu o milagre do vinho como tal mas aguardou inteiramente o que o Senhor iria fazer. Porém ela chamou à fé e conduziu para o verdadeiro milagre. Por isso, Isabel saudou Maria, por ocasião da sua visita, com as palavras: "Bem aventurada és tu porque acreditaste" (Luc.1,45). Com a sua fé, ela abriu a porta para a Encarnação da Palavra, para as santas núpcias entre Deus eterno e a sua criatura, a pessoa humana. A

partir da sua fé, como crente, ela é agora, como diz a Igreja Oriental, a Hodegetria, a condutora que leva à fé, ao interior do mistério nupcial do amor de Cristo. Ela antecipou assim o essencial do que aconteceu e mostra nos o núcleo, o que para sempre importa saber. Fazei o que Ele vos disser acreditai em Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo. Acreditai com uma fé, que é amor; crede com uma fé que não é pura teoria, mas vida; crede com uma fé que aceita a vontade de Deus, mesmo se a não conhecemos e se vai contra a nossa vontade. Acreditai e, no meio das coisas terrenas, vereis a glória de Deus, a superabundância e o brilho do Seu amor. Acreditai e vereis: onde os outros só vêem a cruz, uma existência falhada e um fim vergonhoso, vereis vós a sobremedida do superabundante amor de Deus, a Sua glória que nos salva. Acreditai e recebereis o saboroso vinho da presença de Deus na vossa vida. Acreditai em Deus e então as águas mesquinhas do dia a dia, os mesquinhos dons que oferecemos, hão de transformar se no vinho da Sua santa proximidade. Isto nos diz, a isto nos exorta Maria, precisamente aqui em Fátima. As palavras "fazei tudo o que Ele vos disser" são expressão do amor, da solicitude maternal d´Aquela que, sendo Mãe de Deus, é também, por vontade de Cristo, nossa Mãe. De facto, junto à Cruz, o Senhor fez dela mãe do discípulo amado, mãe de todos os discípulos de Cristo Seu Filho e, portanto, nossa mãe. E como diz o último Concílio: "A maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos" (L.G. 62). É próprio das mães desejar e procurar o bem dos filhos. Por isso também Maria Santíssima, que é Rainha, Mãe de Misericórdia, Mãe Clementíssima e intimamente associada à obra do Seu Filho, como nossa Mãe, na ordem da graça (L.G. 61), continua solícita a sua função materna, exortando nos a cumprir a vontade de Deus, a escutar e a pôr em prática as palavras do seu Divino Filho. Como em Caná, as suas exortações, a sua protecção e a sua maternal solicitude perduram por todos os séculos em prol daqueles que a "proclamam bendita por todas as gerações" (Luc 1,48). Através dos dois grandes sinais de Lurdes e de Fátima, ela está connosco, como Mãe de Misericórdia e nos exorta. Não precisa de muitas palavras, pois tudo está dito, naquela sua palavra essencial toda impregnada de solicitude materna: "fazei tudo o que Ele vos disser". Devemos notar também que Maria falou aos pequeninos, aos menores, aos sem voz, aos que não contam, neste mundo iluminado, cheio de orgulho de saber e de fé no progresso, o qual é, ao mesmo tempo, um mundo cheio de destruições, cheio de medo e cheio de desespero: porque, de facto, eles já não têm vinho, mas só água. Ó quanto isto tem aplicação hoje! Maria fala aos pequeninos, para nos mostrar o que é preciso saber: isto é, atender ao único necessário, ao inteiramente simples, ao que para todos é igualmente importante e igualmente possível: crer em Jesus Cristo, o bendito fruto do seu ventre. Nós lhe agradecemos esta sua presença maternal e por nos falar, como Mãe Clementíssima e Misericordiosa, aqui neste lugar, e dum modo tão vivo e tão expressivo. E é, por isso, que, com toda a Igreja, louvando a Mãe de Deus e nossa Mãe celeste, com as palavras da "Salve Rainha, Mãe de Misericórdia", lhe pedimos: "e depois deste desterro nos mostrai Jesus, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria". Amen.